

O incesto em Lavoura arcaica, de Raduan Nassar

Maria Aparecida Paiva*
Anderson Pires da Silva**

RESUMO

O objetivo deste estudo é propor uma reflexão sobre a desagregação de uma família, com forte tradição religiosa, de origem libanesa, que procura educar os filhos dentro de um rígido padrão religioso e moral, movida pelo autoritarismo patriarcal (Iohána). Nesse cenário, acontece o relacionamento incestuoso da filha Ana com seu irmão André, além de um possível envolvimento sexual com seu irmão mais novo, Lula. A mãe, em Lavoura Arcaica, engendra nos três filhos, André, Ana e Lula, o germe da transgressão dos princípios. De certa forma, Ana é a fêmea ancestral que ajudará André a instaurar a desordem na família. O discurso de André é, a um só tempo, passional e racional, fazendo com que a razão trabalhe a favor da paixão. Toda essa trama mostra a tradição e, também, a liberdade entre a velha e a nova ordem, dentre outros elementos presentes na obra.

Palavras-chave: Lavoura Arcaica, Incesto, Patriarcalismo

ABSTRACT

This study aims to propose a reflection about the disintegration of a Lebanese family, with strong religious tradition, that try to educate children under religious and moral rigid standard, powered by patriarchal authoritarianism (Iohána). In this scene, Ana and André incestuous relationship happens but also a possible sexual involvement with her younger brother, Lula. The mother, in Lavoura Arcaica, engenders, on her three children, the germ of the transgression of the principles. Somehow, Ana is the ancestral female that will help André to establish the family disorder. André's speech is, at the same time, passionate and rational, making reason works in favor of the passion. All of this intrigue shows tradition as well liberty between old and new order among others elements presented in this literary piece.

Keywords: Lavoura Arcaica. Incest. Patriarchy.

* Mestranda em Literatura Brasileira no CESJF

** Doutor em Letras pela PUC Rio

Raduan Nassar nasceu em Pindorama, cidade do interior do Estado de São Paulo, em 27 de novembro de 1935. Em 1955, ele ingressa ao mesmo tempo na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e no curso de Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP). O escritor faz, em 1968, as primeiras anotações para o futuro romance **Lavoura Arcaica**.

Apesar de não ter fé religiosa, participa em 1972 da leitura comentada que a família faz do Novo Testamento. As reuniões semanais para esse fim se entendem ao longo de quase todo o ano. Ao mesmo tempo, ele retoma as leituras do Velho Testamento e do Alcorão. Nessa mesma época inicia sua carreira no jornalismo, como redator do **Jornal de Bairro**. Em 1975, por discordar da mudança editorial no jornal, deixa a direção do semanário. Sem alternativa imediata, começa a escrever **Lavoura arcaica**. Seu irmão Raja é o primeiro leitor dos originais. À revelia de Raduan, Raja encaminha os originais à Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro.

Com o lançamento em dezembro de 1975, **Lavoura Arcaica** imediatamente foi considerado um clássico, uma revelação, dessas que marcam a história da nossa prosa narrativa.

O enredo da obra **Lavoura Arcaica** centra-se na trama dos costumes de uma família e na fuga de um dos filhos, André, motivado pelo amor incestuoso entre ele e a irmã Ana. Como essa paixão nunca poderia ser compreendida por seu pai nem pela sociedade, visto ser um tabu, André foge para um vilarejo. Pedro, seu irmão mais velho, vai à pensão onde ele estava e tenta trazê-lo de volta à fazenda onde toda a família o esperava com ansiedade. Ao encontrar André, Pedro contou sobre os acontecimentos que estavam ocorrendo na fazenda sem ele. André voltou para casa, mas entrou em conflito com as idéias do pai, que não entendia o que se passava com o filho. No dia seguinte à chegada de André, foi preparada uma festa por seu pai. Sua irmã Ana dança sensualmente para ele e o pai percebe, então, o que realmente se passava entre os irmãos. Desesperado, o pai sofre um ataque de tristeza e morre.

Lavoura Arcaica foi publicado no período da ditadura militar, em 1975. Entretanto, quando pensamos na crítica ao autoritarismo proposta pelo romance, não nos é possível alcançar uma perspectiva que estabeleça referências demarcadas a pontos de tempo e espaço na realidade externa, pois **Lavoura arcaica** é privado desse tipo de coordenada, o que contribui, inclusive, para maiores significações estéticas da obra. Contudo, ao lado do tempo espiralado da trama e da fundamental evocação do mito – seja o do paraíso edênico, o do filho pródigo ou o da arquetípica sanção paterna, entre outros – em **Lavoura arcaica**, há também a presença de elementos

que constituem referências intertextuais à realidade externa da sociedade brasileira como, por exemplo, a insidiosa violência do patriarcalismo e do discurso autoritário.

Em **Lavoura arcaica**, o autor narra a decadência de uma família semipatriarcal, de origem libanesa, com forte tradição religiosa, que tenta formar os filhos dentro de rígidos princípios religiosos e morais. Mas emergirá dessa aparente normalidade o envolvimento incestuoso entre André, o protagonista e o narrador da história, e sua irmã Ana, e há, ainda, insinuação de uma possível relação entre André e o irmão mais novo, Lula. O incesto entre André e Ana implicará o assassinato de Ana pelo pai, a loucura da mãe, a posterior morte do pai e, conseqüentemente, o final da família. O incesto é, na obra, o elemento catalisador da tragédia. Porém, a maior tragédia resultará da derrocada do conjunto de preceitos e regras, de uma moral construída ao longo de gerações. São esses rígidos valores que desencadeiam a revolta e a rebeldia de André, seja através da consumação do amor-sexo incestuoso, seja com a fuga do jovem da casa paterna. Ao enfocar-se a transgressão ao tabu do incesto em **Lavoura Arcaica**, pretende-se mostrar como ele implica o fim da família. Ao longo da história humana, todos os grupos humanos, cada um a seu modo, foram estabelecendo interditos sexuais fundamentais à manutenção da família, e o sexo foi, aos poucos, deixando de ser, apenas, um ato natural, para incorporar, também, uma série de interditos, conflitos e tabus.

Em **Totem e Tabu**, Sigmund Freud (1999) analisa a questão do incesto com base nos estudos das tribos aborígenes da Austrália. Essas tribos subdividem-se em grupos menores ou clãs, cada um dos quais é denominado segundo um totem. O totem é o antepassado simbólico comum do clã; é seu espírito guardião e auxiliar e, embora perigoso, para outros, reconhece e poupa seus próprios filhos. O incesto e a manifestação de horror em relação a sua ocorrência são, portanto, um tabu comum aos grupos humanos mais selvagens até aos considerados mais civilizados. O tabu é uma proibição primitiva e, por isso mesmo, o desejo de violá-lo permanece no inconsciente. Freud diz que, para a psicanálise, a primeira escolha de objetos para amar feita por um menino é incestuosa e que esses são objetos proibidos: a mãe e a irmã.

Candido afirma que a autoridade paterna era ilimitada no Brasil do século XVI ao XIX (CANDIDO, 1951, p. 295). O autor explica que o auto poder paterno acontecia devido ao fato de que os filhos permaneciam submissos aos pais até a morte deles, vivendo em suas casas, já que não havia possibilidade da escolha de profissões, o que resultava na passagem de um mesmo ofício entre diversas gerações da linha masculina, o que, conseqüentemente, nutria relações de dependência (CANDIDO, 1951, p. 295). Candido cita exemplos de assassinatos

e agressões do século XVII ao XX que partiam da iniciativa paterna contra filhos, filhas e, por vezes, contra os amantes deles, em casos de fuga, rebelião ou amor que representassem uma ruptura da “honra familiar” (CANDIDO, 1951, p. 295). O autor faz ponderação em relação aos exemplos desse tipo que constituem exceções, embora, segundo suas próprias palavras: “ilustrem o alcance do poder paterno, na família patriarcal” (CANDIDO, 1951, p. 295).

Aos estudarmos sobre a família brasileira décadas de 80 e 90, constataremos que a crítica da nova produção desenvolvida, dirige-se, de certa forma, à historiografia tradicional sobre o tema, em especial, a Gilberto Freyre e às consequências provenientes de sua obra como, por exemplo, a generalização da compreensão da *família brasileira* enquanto *família patriarcal ou extensa*. No Brasil patriarcal, segundo Gilberto Freyre, para garantir a manutenção das terras, dos bens e o casamento das filhas com homens brancos puros, resolveram casá-las com primos, ou com tios. Com a decadência do patriarcalismo¹, esse “critério patriarcal e endogâmico de casamento”, foi perturbado pelas sinhás que se deixavam “raptar por donjuans plebeus ou de cor” (FREYRE, 1998, p. 126, 129).

Em **Lavoura Arcaica**, a família de agricultores depende da prática da agricultura de subsistência, com variedade de cultivo e criação de animais. É uma família com sete filhos, na qual a palavra do pai é incontestável. Gilberto Freyre diz que não se dava voz à mulher, no Brasil patriarcal, pois “não se queria ouvir a sua voz na sala entre conversas de homens, a não ser pedindo vestido novo, cantando modinha, rezando pelos homens” (FREYRE, 1998, p.108). Para Iohána, o pai do narrador no romance, o mundo é dividido entre bons e maus e os valores e princípios judaico-cristãos norteiam completamente sua vida e sua relação com a família. Na sua visão, as emoções, o querer, o desejar são expressão da corrupção e do pecado. “A casta dominante cristã desprezava não apenas a carne, as emoções, mas tudo o que estava associado a elas: a sexualidade, a mulher [...], o prazer e as mulheres eram considerados culpáveis, porque afastavam o homem de Deus e da transcendência; eram, portanto o pior dos pecados [...] e as mulheres eram vistas como as descendentes de Eva, símbolos do pecado e da tentação”. (MURARO, 1995, p. 103). Em **Lavoura Arcaica**, a mesa de refeições simboliza a forma como se organiza esse núcleo familiar e onde se situa cada membro do grupo. A figura austera do pai ocupa a cabeça e,

¹ Em Nassar, o amor, muitas vezes, é causador da discórdia. É o excesso de amor que ativa o descaminho, a perdição, o orgulho, a revisão dos conceitos de mundo, da tradição, das experiências. É isso que André —narrador e personagem principal— nos diz, pois é em função do seu amor por Ana, ou por si próprio, que ele profana os ensinamentos do Pai.

de acordo com as normas patriarcais, à sua direita, assentam-se quatro filhos mais velhos, Pedro, Rosa, Zuleika e Huda: os ajustados e submissos. Eles vivem conforme os preceitos paternos e acatam os sermões e leituras bíblicas que ele faz religiosamente no café da manhã, almoço e jantar. À esquerda do pai, assentam-se a mãe e os três filhos mais novos, André, Ana e Lula: os desajustados. Eles são protegidos pela mãe e, de certa forma, vítimas do seu excesso de carinho, inclusive físico:

me entreguei feito menino à pressão daqueles dedos grossos que me apertavam uma das faces contra o repouso antigo do seu seio; curvando-se, ela amassou depois seus olhos, o nariz e a boca, enquanto cheirava ruidosamente meus cabelos, espalhando ali, em língua estranha, as palavras ternas com que sempre me brindava desde criança: meus olhos meu coração meu cordeiro (LA, p. 171).

De acordo com Gilberto Freyre, “a mãe era a aliada do menino contra o pai excessivo na disciplina e às vezes terrivelmente duro na autoridade [...]. Sua primeira namorada. Quem lhe fazia certas vontades. Quem cantava modinhas para ele dormir” (FREYRE, 1998, p. 114). Assim, a mãe, em **Lavoura Arcaica**, engendra nos três filhos, André, Ana e Lula, o germe da transgressão dos princípios, e, com a libido à flor da pele, aos poucos, André entregar-se-á à fixação obsessiva pela irmã Ana que, na voluptuosidade do amor proibido, entregar-se-á inteira, compartilhando com André não apenas do sexo ardente, mas do novo ideário que isso representa. Com esse comportamento, contrariam a visão do pai e os seus sermões familiares de bom costume e integridade.

o mundo das paixões é o mundo do desequilíbrio, é contra ele que devemos esticar o arame das nossas cercas, e com as farpas de tantas fiadas tecer um crivo estreito. É através do recolhimento que escapamos ao perigo das paixões, mas ninguém no seu entendimento há de achar que devemos sempre cruzar os braços quando existe a terra para lavrar, ninguém em nossa casa há de cruzar os braços quando existe a parede para erguer, ninguém ainda em nossa casa há de cruzar os braços quando existe o irmão para socorrer. (LA, p. 56-58)

De certa forma, Ana é a fêmea ancestral que ajudará André a instaurar a desordem e a desagregação da família: “essa minha irmã que, como eu, mais que qualquer outro em casa, trazia a peste no corpo, [...] ela sabia fazer as coisas, essa minha irmã, esconder primeiro bem escondido sob a língua a sua peçonha e logo morder o cacho de uva que pendia em bagos

túmidos de saliva" (LA, p. 189). Ana e André são os filhos fadados a destruir a família. Ou seja, instaura-se, a partir da mãe, o galho fraco, a desgraça no núcleo familiar. Desprovidos do senso de moralidade, dominados pelo instinto sexual, procuram satisfazê-lo a qualquer custo. André, ainda criança e pré-adolescente, vagava pelo sítio com os hormônios em desesperada ebulição. Em um diálogo com Pedro, André deixa implícito toda essa ânsia de "(i)moralidade" ao questionar.

alguma vez te passou pela cabeça, um instante curto que fosse, suspender o tampo do cesto de roupas no banheiro? alguma vez te ocorreu afundar as mãos precárias e trazer com cuidado cada peça ali jogada? era o pedaço de cada um que eu trazia nelas quando afundava minhas mãos no cesto, ninguém ouviu melhor o grito de cada um, eu te asseguro, as coisas exasperadas da família deitadas no silêncio recatado das peças íntimas ali largadas. (LA, p. 44).

Referindo-se metaforicamente à vida como um cesto de roupa suja, de forma que, cada ser carrega um grito abafado, e principalmente, o silêncio das roupas íntimas familiares largadas ali, demonstra toda sua angústia diante da vida e a vontade constante do incesto.

Para satisfazer essa ansiedade – prática usual no interior rural – teve a sua iniciação sexual com uma cabra de nome Sudanesa: "aprimorei suas formas, dei brilho ao pêlo, dei-lhe colares de flores, enrolei no seu pescoço longos metros de cipó-de-são-caetano, [...] Shuda, paciente, mais generosa quando uma haste mais túmida, misteriosa e lúbrica, buscava no intercurso o concurso do seu corpo" (LA, p. 21). A zoofilia é a primeira proibição perpetrada pelo adolescente André. A segunda será a relação incestuosa com a irmã Ana: "era Ana a minha fome, [...] era Ana a minha enfermidade, ela minha loucura, ela o meu respiro, a minha lâmina, meu arrepio, meu sopro, o assédio impertinente dos meus testículos, [...] eu, o irmão do cheiro virulento, eu que tinha na pele a gosma de tantas lesmas, a baba derramada do demo (LA, p. 109- 110)". É no galpão, num monte de feno, que André, depois de esperar por muito tempo, tem relações sexuais com a irmã; o momento da consumação do ato sexual é assim narrado por André: "[...] corri sem pressa seu ventre humoso, tombei a terra, tracei canteiros, sulquei o chão, semeei petúnias no seu umbigo; e pensei também na minha uretra desapertada como um caule de crisântemo" (LA, p. 115). Depois, André adormece por alguns instantes e, quando acorda, Ana havia desaparecido: "houve medo e susto quando tateei a palha, abri os olhos, eram duas brasas, e meu corpo, eu não tinha dúvida, fora talhado sob medida pra receber o demo: uma sanha de

tinioso me tomou de assalto assim que dei pela falta dela” (LA, p. 116). Ana, quando se dá conta do acontecido, desespera-se e corre para a capela, onde André a encontra de joelhos rezando o terço. E ele usa todos os argumentos para tentar convencê-la a aceitar o seu amor, a ser gozado clandestinamente e em pecado. Ele promete que vai “seguir o pai para o trabalho, arar a terra e semear, [...] estando presente com justiça na hora da colheita, trazendo para casa os frutos” (LA, p. 120, 121), mas ela não diz uma palavra e André implora: “eu quero ser feliz, eu, o filho torto, a ovelha negra que ninguém confessa, o vagabundo irremediável da família [...] de minha parte, abro mão inclusive dos filhos que teríamos, mas, na casa velha, quero gozar em dobro as delícias deste amor clandestino” (LA, p.120). André, encolerizado pela recusa muda da irmã, brada: “pertença como nunca desde agora a essa insólita confraria dos enjeitados, dos proibidos, dos recusados pelo afeto, [...] dos aleijões com cara de assassino que descendem de Caim (quem não ouve a ancestralidade cavernosa dos meus gemidos?)” (LA, p. 139); o trecho supracitado faz referência à passagem bíblica no Gênesis (4:10-12), na qual Caim mata o irmão Abel e é, por isso, amaldiçoado pelo pai: “Iahweh disse: Que fizeste! Ouço o sangue de teu irmão, do solo, clamar por mim! Agora és maldito expulso do solo fértil que abriu a boca para receber de tua mão o sangue de teu irmão. [...] Serás um errante fugitivo sobre a terra”.

Ana que, em toda a narrativa, não fala, sai correndo da capela, sem emitir uma palavra. As outras mulheres da casa, inclusive a mãe, além de falarem pouco, o fazem em tom abafado, sempre às escondidas do pai. Freyre diz que nas famílias patriarcais “os assuntos gerais eram tratados não só do ponto de vista inteiramente masculino como por processos mentais ou psíquicos quase exclusivamente masculinos” (FREYRE, 1998, p. 108).

A narrativa começa quando André está numa pensão, deitado no chão, nu, se masturbando, quando ouve que batem à porta. É Pedro, o irmão mais velho que, a pedido da mãe, veio buscá-lo de volta para casa.

Eu estava no assoalho do meu quarto, numa velha pensão interiorana, quando meu irmão chegou pra me levar de volta; minha mão, [...] percorria vagarosa a pele molhada do meu corpo ainda quente; apertei os olhos enquanto enxugava a mão, [...] escondi na calça meu sexo roxo e obscuro (LA, p. 09, 10).

A personagem André revela que sofre de epilepsia e narra ao irmão toda a história desse amor que nasceu condenado, contaminado pelo tremor maligno. Várias passagens bíblicas atribuem à epilepsia um caráter mágico

e sagrado, os acessos são descritos como sendo possessão demoníaca. No evangelho de Lucas (9:38-39), um homem desesperado pede a Jesus: “Mestre, rogo-te que ponhas os olhos em meu filho, [...] um espírito se apodera dele e subitamente dá gritos, lança-o por terra, e o agita com violência, fazendo-o espumar”.

André, convulsionado, berrava e soluçava: caído de boca num acesso louco eu fui gritando você tem um irmão epilético, [...] grite cada vez mais alto nosso irmão é um epilético, um convulso, um possesso [...] grite sempre uma peste maldita tomou conta dele [...] e você ouvirá sempre o mesmo som cavernoso e oco traz o demônio no corpo, traz o demônio no corpo. (LA, p. 41, 42).

André volta para casa, mas não trará a alegria ao seio da família. O retorno do filho pródigo da parábola bíblica é motivo de regozijo e o filho lhe disse: “Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho”. O pai, porém, disse aos seus servos: “trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemo-nos; porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. E começaram a regozijar-se” (LUCAS, 15:21-24).

Ao retornar, André finalmente tem a conversa que tanto aspirava com seu pai: o filho pródigo às avessas não está arrependido. Durante a conversa o pai tenta obter uma justificativa para o abandono da família, omitindo o amor por Ana, mas eles acabam discutindo, pois o pai não encontra plausibilidade nos argumentos de André. O discurso do pai, sempre pautado na ordem e na união da família, é questionado pelo filho: “toda ordem traz uma semente de desordem, a clareza, uma semente de obscuridade”; o pai acredita que conversar é importante, que “toda palavra, sim, é uma semente” (LA, p. 160), mas André diz que não acredita na discussão dos problemas, “que uma planta nunca enxerga a outra” (LA, p. 162). André recua na discussão e pede perdão.

Para comemorar seu regresso, a família de André decide oferecer-lhe uma festa que culminará na trágica consumação final da família. Os vizinhos são convidados. Após a refeição, o grupo dança como sempre ocorrera em todos os encontros. Ana, enfeitada com badulaques que André ganhou de prostitutas, começa a dançar de forma extremamente sensual e lasciva. Dança especialmente para André, mas também para todos que, escandalizados, mas hipnotizados pela sua sedução, assistem. Ela rodopia loucamente ao som da música árabe, “a flauta desvairava freneticamente, a serpente desvairava no próprio ventre” (LA, p.

191). Pedro, desesperado pela atitude lasciva da irmã, e ciente do relacionamento incestuoso entre ela e André, revela ao pai a sórdida história. A família, que até aquele momento via no pai o sustentáculo inabalável, assiste horrorizada que “a partir daí todas as rédeas cederam, desencadeando-se o raio numa velocidade fatal: o alfanje estava ao alcance de sua mão, e, fendendo o grupo com a rajada da ira” (LA, p. 192). O pai, num só golpe, mata Ana: a mulher fonte de toda corrupção, a descendente de Eva, e a eterna fonte dos pecados humanos, conforme a descrição no Gênesis, e depois reforçada pelo Eclesiástico (42:14), “é melhor a malícia de um homem do que a bondade de uma mulher: uma mulher causa vergonha e censuras”. O alfanje, instrumento de origem árabe, usado pelo pai, remete à imagem simbólica da Morte, representada por uma caveira, também feminina, munida de um alfanje, e relacionada ao ciclo da vida e aos ciclos agrícolas.

Esse instrumento, tal como a morte, não discrimina no momento de ceifar a erva boa da daninha; assim, lohána, em um único golpe, ceifa toda a família e estilhaça a tábua da lei, aparentemente tão consistente, que guiava a família. A mãe, transtornada pela dor, enlouquece, e assim percebe-se a manifestação tipicamente islâmica da expressão da dor feminina:

[...] e vi a mãe, perdida no seu juízo, arrancando punhados de cabelo, descobrindo grotescamente as coxas, expondo as cordas roxas das varizes, batendo a pedra do punho contra o peito lohána! lohána! lohána! [...] a mãe passou a carpir em sua própria língua, puxando um lamento milenar que corre ainda hoje a costa pobre do Mediterrâneo (LA, p. 194).

No final da narrativa, em memória do pai, André transcreve suas palavras:

[...] com os olhos amenos assistir ao movimento do sol e das chuvas e dos ventos, e com os mesmos olhos amenos assistir à manipulação misteriosa de outras ferramentas que o tempo habilmente emprega em suas transformações, não questionando jamais sobre os desígnios insondáveis, sinuosos, como não se questionam nos puros planos das planícies as trilhas tortuosas, debaixo dos cascos, traçadas nos pastos pelos rebanhos: que o gado sempre vai ao poço (LA, p. 195).

Freud, em **Totem e tabu** (1999), atribuiu ao sentimento de culpa, resultante do assassinato pelos filhos do pai-tirano da horda primitiva, à criação das leis, destinadas a regular o comportamento dos indivíduos que, a partir da culpa, passariam a submeter-se a elas, e não mais à vontade do pai assassinado. Ao fazer a transcrição das palavras do pai, André reconhece,

em tom de meia-culpa que, com a morte do pai será herdeiro das tradições e preceitos postulados pelo pai.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O embate entre André e Iohána, entre a tradição e a liberdade, entre a velha e a nova ordem, dentre outros elementos analógicos aqui enfocados, parecem ser suficientemente eloqüentes para colocar em evidência o cerne conceitual, que seja do choque exacerbado e perene entre gerações. A luta entre o novo e o velho. Evidentemente, não é possível afirmarmos de modo crível o quanto existe de autobiografia em uma obra tão densa e, ao mesmo tempo, tão verdadeira. De certa forma Lavoura arcaica parece conter em si uma espécie de profissão de fé, de catecismo ideológico de Raduan Nassar, mostrando inconformidade com as mazelas da ordem estabelecida, mesmo que seja através do amor sujo, da paixão lodosa.

Assim sendo a vitória de André em relação à velha ordem, seus ditames arcaicos, sua moral tacanha é, em certa medida, um exercício de vida, de convicção moral e política que arrasta com fardo de tradição hipócrita através de ações quase insanas, doridas, mas que trazem em si ventos de liberdade. Tanto de André quanto (poderia perfeitamente ser) de Raduan Nassar.

Artigo recebido em: 01/09/2009
Aceito para publicação: 09/06/2011

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução da Sociedade Bíblica Católica Internacional. 3. ed. rev. São Paulo: Paulus, 2004.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

_____. The brazilian family. In: SMITH, T. Lynn (org.). **Brazil, portrait of half a continent**. Nova York: Dryden Press, 1951.

FREIRE, Gilberto. **Sobrados e mocambos**, decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Record, 1998.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

